

Magna Leite Carvalho Lima
Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS)
Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR)
magnaleite30@gmail.com

EFEITOS DE SENTIDO E A ARTE DA “PICHAÇÃO”: A LEITURA E A ESCRITA SIGNIFICADAS COMO/NA PRÁTICA SOCIAL

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as imagens, denominadas por nós como “pichação”, fotografadas em alguns pontos específicos da cidade sul mineira Varginha. O problema que nos motivou a escrever este texto diz respeito ao seguinte questionamento: Como, a partir de práticas como a “pichação”, os sujeitos se significam e utilizam da leitura e da escrita para responder às demandas sociais? No caso específico deste trabalho, percebemos que o sujeito significa a linguagem como uma forma de expressão, e por ser individuado é que ele se identifica. O texto tem como embasamento teórico a Análise de Discurso de linha francesa e as análises nos permitiram considerar que, mesmo diante de todo aparato tecnológico contemporâneo, os sujeitos usam das práticas de leitura e escrita, postas em forma de “pichação”, para dizer o hoje o que outrora já foi dito. É a memória do dizer, posta em circulação, trazendo os efeitos de sentidos que determinadas práticas colocam em movimento.

Palavras-chave: Efeitos de sentido, pichação, leitura, escrita, prática social.

SENSE EFFECT AND THE ART OF "GRAFFITI": MEANINGFUL READING AND WRITING AS IN SOCIAL PRACTICE

ABSTRACT

This article aims to analyze the images, called by us as "graffiti", photographed in some specific points of the southern city of Varginha (MG). The problem that motivated us to write this text concerns the following question: How, from practices such as "graffiti", do the subjects mean and use reading and writing to respond to social demands? In the specific case of this work, we perceive that the subject means the language as a form of expression, and because it is individuated it is that it identifies itself. The text is based on French Discourse Analysis and the analyzes allowed us to consider that, even before all contemporary technological apparatus, the subjects use the practices of reading and writing, put in the form of "graffiti", to say the today what was once said. It is the memory of saying, put into circulation, bringing the effects of meanings that certain practices put into motion.

Keywords: Sense effects, graffiti, reading, writing, social practice.

Recebido em: 03/12/2018 - Aprovado em: 31/03/2019 - Disponibilizado em: 15/07/2019

Na contemporaneidade, com o advento da tecnologia e o crescente aumento da aplicação da escrita, principalmente no que diz respeito às redes sociais e a aplicativos como *WhatsApp*, a leitura e a escrita passaram a ter uma representação maior dentro das práticas sociais. Seja a partir de trocas de mensagens em celular ou mesmo por comentários em redes sociais, os sujeitos se apropriam cada vez mais dessas práticas. Assim, a pergunta que mobiliza nossa reflexão neste artigo é: como os sujeitos significam a leitura e a escrita para responder às demandas sociais em meios que não envolvem os aparatos tecnológicos atuais? Tal inquietação nos levou a observar o processo de escrita e leitura em uma conjuntura muitas vezes marcada pelo discurso de preconceito: as pichações. Para tanto, um dado acontecimento não só nos chamou a atenção como se tornou material de análise no estudo aqui presente.

As análises aqui propostas tiveram como *corpus* enunciados diversos inscritos em muros variados na cidade de Varginha – MG. Em uma época de crescente tecnologia, deparamo-nos com um sujeito que se propõe a relacionar-se socialmente a partir da escrita em forma de “pichação”¹. Sob o viés da Análise do Discurso (AD,) temos o conceito de que

O grafismo está inserido no nosso cotidiano como forma de arte, é a maneira que algumas pessoas acharam para expressar suas ideias recheadas de uma ideologia onde é expressa de maneira natural e sem represálias o que pensam e sentem. Os grafiteiros como são chamados buscam através dos seus desenhos mostrarem uma sociedade mais justa onde eles acreditam que seria a ideal no cotidiano de cada um

¹ Optamos pelo termo pichação entre aspas uma vez que não consideramos os enunciados grafismo (não são desenhos e nem estão em lugares regularizados e expostos como arte), por outro lado, também não possuem as letras desenhadas como as pichações padronizadas e instaladas em lugares de difícil acesso. Dessa forma, para nós, os enunciados que analisamos neste trabalho estão mais próximos das pichações, por se instalarem em propriedades particulares. Dessa forma, a partir de um discurso que criminaliza a pichação, estes enunciados podem ser vistos mais como crime do que como arte, mesmo que impressos de ideologia.

deles. Esses espaços pichados e grafitados têm sido destinados a manifestações discursivas que aliam o sujeito à sua história e à sua língua, em uma relação de significação de si próprio, de sua identidade e desses locais, na medida em que, nas cidades grandes o movimento da grafiteagem é desencadeador de um movimento de consciência que atravessa toda a população segregada [...]. (ORLANDI, 2004b, p.13).

Acrescentamos que a “pichação” analisada neste trabalho não foi recortada de grandes centros, no entanto, apesar de inserida em uma cidade de pequeno porte, pode ser vista como um movimento de consciência, como uma forma de potencializar intervenções políticas, isso ocorre porque

os pichadores, ao agir de forma descentralizada, nômade, de certa forma ocultando sua identidade, o fazem intencionalmente ou não, como forma de revolta e resistência, seja contra a sociedade que os torna marginais e criminosos, seja contra a escola que não os retribua em seus desejos e necessidades. (BARCHI, 2007, p. 04)

Nesse formato não centralizado, esses sujeitos pensam ações e reivindicações pelo seu próprio modo de existência, diferentemente daqueles adequados a modelos estruturais postos e/ou impostos. Para Fernandes (2011), observar essa prática nos faz buscar sentidos construídos por essa forma de comunicação que toca a cidade de modo específico. Segundo ela,

Esses dizeres pichados querem gerar sentidos e para isso é preciso que a sua linguagem estabeleça relações entre os sujeitos e, na dispersão dos milhares de dizeres que cortam a cidade, mostram em seu discurso interfaces da sociedade, da história e da cultura. (FERNANDES, 2011, p. 241)

Esses milhares de dizeres que cortam a cidade também podem ser vistos conforme aponta

Orlandi (2004b), ou seja, como discursos que se cruzam no espaço da cidade. Para a autora, o gesto de “pichação” é uma busca de legitimidade para a comunicação. Essa prática permite ao “pichador” se inscrever simbolicamente como uma voz diferenciada da periferia urbana. É uma forma de se inscrever no espaço citadino e sair do silenciamento. Há, nesse sentido, uma tentativa de escapar da massificação e esculpir uma história própria, é uma forma de significar-se.

Fernandes (2011) vai dizer que a “Pichação” (no caso da autora, o termo aparece sem aspas) é um marco histórico de resistência. Para ela, esse movimento tem início na década de 1960 como forma de resistência à ditadura; na década seguinte, as “pichações” fazem apologia das drogas e evocam a resistência a uma sociedade passiva contra o crescimento urbano e contra o artificialismo. A partir da década de 1980, as “pichações” se diversificam e agregam outros objetivos. Os dizeres passam a se apresentar de modo mais cifrado e o propósito é a comunicação entre gangues para demarcar território, as “pichações” passam a ser feitas em lugares desafiadores e de difícil acesso. É uma maneira de desafiar o controle urbano. Surge, nesse período, uma revolta da “cidade” por estarem diante de um lugar sujo. É só a partir dos anos 1990 que começam a aparecer os grafites, uma forma de comunicação mais figurativa e colorida que, de certa forma, passa a ser mais aceita. Segundo Fernandes (2011), há no final da primeira década do século XXI, uma mudança no comportamento do pichador e as “pichações” passam a ser legíveis.

São essas “pichações” legíveis que nos interessam neste artigo. Para tanto, tomamos a perspectiva da fundamentação teórica advinda da Análise de Discurso de linha francesa, que tem como precursora, no Brasil, Eni Orlandi, como ponto de partida para as análises. Quanto ao *corpus* que analisamos, optamos por fotografar os enunciados e somente descrevê-los à medida em que as análises

ocorrerem, o objetivo foi tornar a leitura deste trabalho mais didática.

Nesta perspectiva da AD, o texto é uma unidade de análise, está longe de ser fechado em si, de ser passível de uma única leitura e interpretação. Logo, um aspecto a ser abordado neste artigo diz respeito ao posicionamento que adotamos em relação ao ato de interpretar. Entendemos que

A interpretação se faz, assim, entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos da memória (interdiscurso). Se no âmbito da primeira a repetição congela, no da segunda a repetição é a possibilidade mesma do sentido vir a ser outro, em que presença e ausência se trabalham, paráfrase e polissemia se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente. O dizer faz sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso (ORLANDI, 2004a, p. 68).

Por concebermos a interpretação como efeito da memória tanto institucionalizada como constitutiva, é importante ressaltar que interpretar, nesta conjuntura, não é apreender, mas atribuir sentidos, uma vez que a princípio eles não existem. Isso ocorre porque os sentidos são muitos, mas não são quaisquer, justamente por estarem atrelados às memórias citadas, dado que há uma determinação histórica que faz com que determinados sentidos sejam lidos e outros não. Consequentemente, interpretar e compreender são partes do processo de estabelecimento e de deslocamento de sentidos.

Dessa forma, o texto tem relação com as condições de produção, que envolvem sujeitos e situação. Além disso, o texto tem relação com a exterioridade constitutiva. Segundo a teoria pecheutiana, a exterioridade é o interdiscurso, o já-dito, algo que fala antes, em outro lugar e independentemente, a memória do dizer. Nas palavras do autor, trata-se da “objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é,

sob a dominação do complexo das formações ideológicas.” (PÊCHEUX, 1988, p. 162)

Outro aspecto a ser abordado é o de que consideramos que o sujeito autor dos enunciados faz-se significar e, assim, ele significa. Em cada enunciado, verificamos que as condições de produção podem ser observadas tanto em seu sentido imediato como em seu sentido amplo, ou seja, incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Dessa forma, é possível perceber que o discurso se torna recorrente em cada situação, fazendo o funcionamento de cada texto aproximar-se em cada enunciado. Isso implica considerar que sujeito e sentidos se constituem recíproca e simultaneamente e são determinados historicamente. Nesta lógica, o sujeito inscreve-se em um conjunto de formações discursivas, que gerem a sociedade da qual faz parte, regulando historicamente as formas de dizer instituídas. Nesse caso, também a leitura estará submetida a modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social. A correlação estabelecida por Orlandi (2004b, p. 69), entre sujeito/autor e discurso/texto, portanto, a de ser acrescida pelo leitor, pois assim como “o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações” (ORLANDI 2004b, p. 69), o leitor/analista, também deve ver a repetição como parte da história, dentro de uma atual conjuntura e não como mero exercício mnemônico.

Partimos, assim, para duas reflexões: a primeira refere-se à constituição do sujeito do discurso, interpelado ideologicamente e representado por uma forma-sujeito, determinada historicamente. Segundo teoriza Orlandi,

Essa forma-sujeito, portanto, pode ser diferente nos diferentes momentos históricos. A forma-sujeito constituída pelas relações de uma formação social como a nossa é a de um sujeito a qual se atribui autonomia (e, logo, responsabilidade), ao mesmo tempo que se considera que ele é determinado pela

sua relação com a exterioridade (ORLANDI, 1988, p.105).

Deparamo-nos, assim, com um sujeito que se propõe a escrever em um lugar cuja visualização da sociedade local na qual está inserido é mais ampla e que também é um sujeito historicamente determinado. Além disso, “um sujeito que se apresenta com coerência, com certa permanência (duração), certa especificidade, e do qual se pode dizer algo, podendo-se, conseqüentemente, ter dele um certo domínio.” (ORLANDI, 1988a, p.105).

A segunda reflexão está atrelada às instâncias que marcam o sujeito na sua relação com o texto, é o lugar da institucionalização da escrita. Ou, ainda, é “a função que o ‘eu’ assume enquanto produtor de linguagem, sendo uma dimensão determinada pela relação com a exterioridade, com o social” (ORLANDI, 1988a, p. 104). Para isso, esse sujeito inscreve-se através da relação posta entre o mesmo e o diferente, uma relação que embora contraditória porque não há um sem outro, é necessária e constitutiva (ORLANDI, 1988b, p.15).

Quando tomamos o título deste artigo e apontamos que a prática da “pichação” é uma forma de considerar a leitura e a escrita significadas como/na prática social, ressaltamos que, na perspectiva discursiva, não se considera que as intenções comunicativas sejam perfeitamente interpretáveis pelo outro, como se houvesse uma correspondência direta entre linguagem-pensamento-mundo, como se essa relação fosse direta e transparente, como se houvesse uma correspondência entre aquilo que o sujeito diz com o que o interlocutor entende. O que há, conforme sabemos, é uma ilusão de evidência dos sentidos. Para Orlandi (2004a, p. 11), o homem não pode evitar a interpretação e o sentido está sempre em curso.

Por outro lado, como práticas sociais, a leitura e a escrita permitem que o discurso seja posto em circulação, assim, o sujeito que se apropria dessas práticas enunciam não na sua individualidade, mas sim afetados pelo inconsciente e pela ideologia. Logo,

para nós, as práticas de leitura e escrita dos enunciados analisados estabelecem uma relação com um discurso prévio quando observamos o funcionamento do “papel da memória”.

Outros dois conceitos com o quais trabalhamos merecem destaque: paráfrase e polissemia. Ambos são adotados pela AD. O primeiro, a paráfrase, é a reiteração do mesmo e a polissemia é a produção da diferença. Como o sentido é relação, no que diz respeito às condições de produção, à situação imediata, o que observamos em nossas análises é que o sentido produzido pela escrita funciona como o mesmo, ou seja, palavras diferentes com o mesmo sentido em relação a diferentes situações. Consequentemente

Isso mostra que o que decide não são as condições de produção imediatas mas a incidência da memória, do interdiscurso. Aquilo que, da situação, significa é já determinado pelo trabalho da memória, pelo saber discursivo, ou seja, aquilo que já faz sentido em nós. O recorte significativo da situação – o que é relevante para o processo de significação – é determinado pela sua relação com a memória. [...] Assim, o que funciona no jogo entre o mesmo e o diferente é o imaginário na constituição dos sentidos, é a historicidade na formação da memória (ORLANDI, 1988b, p. 15).

Buscamos, assim, nas análises que fizemos, compreender como os sentidos são produzidos apesar da variedade de situação e dos locutores. Observamos que há um retorno ao mesmo espaço dizível, ou ao que denominamos, de acordo com Orlandi (1988b), paráfrase. E dentro das mesmas condições de produção, há deslizamentos de sentidos (polissemia), fato que gera a produção de efeitos metafóricos, a ilusão de transparência de sentidos, a resignificação. Vejamos.

O primeiro enunciado desta análise é: “Mais flores no fuzil”. O muro onde ele foi escrito se localiza no denominado Bairro de Fátima, como já

mencionado, na cidade de Varginha - MG. Como outros bairros, este é mais afastado do centro, embora não seja extremamente periférico. Apesar de possuir uma parte constituída por famílias de classe média tradicionais e antigas na cidade, o seu “fundo” tem se tornado palco de gangues, tráfico de drogas e brigas constantes. A violência tornou-se um acontecimento marcante em alguns pontos, fato que fez o nome do bairro tornar-se negativo na cidade.

Orlandi (2004) concebe que algo do mesmo está no diferente no processo de produção de sentidos. Assim, quando o sujeito deste discurso que pretendemos analisar escreve “Mais flores no fuzil”, o efeito metafórico engendrado põe em circulação uma rede de memória que nos remete, entre outras situações, ao fotógrafo jornalista Bernie Boston. Seu trabalho ficou conhecido

pela famosa imagem de um jovem colocando flores nas armas de soldados durante um protesto contra a Guerra do Vietnã em Washington. Sua fotografia “Flower Power” concorreu ao Prêmio Pulitzer, e foi tirada em um protesto pacifista em Washington no dia 22 de outubro de 1967 (NASSIF, 2011, p.01, grifo do autor).

De “Flower Power” (O poder das flores) para “Mais flores no fuzil”, há um deslizamento. Na primeira situação, a palavra “poder” evidencia uma capacidade de superioridade, de mudança, de comando que as flores, no caso, possuem. Assim, o efeito de sentido que o termo “poder” faz circular é de que as flores simbolizam a capacidade de modificar atitudes, de suavizar situações, de imprimir uma nova ordem à história que se faz, a ordem da não-violência. As flores representam, dessa forma, uma imposição da paz em um momento de guerra. E isso se dá não pelo título, mas pela conjuntura no qual este está inserido. Por outro lado, o deslizamento de “o poder das flores” para “mais flores no fuzil” sugere, na segunda situação, que as flores já foram postas, o pedido já foi feito, mas é necessário mais. O termo fuzil nos traz à

rede de memória a guerra, o sofrimento, aquilo que é doloroso e precisa também acabar, no entanto, as flores, aparentemente, enfraqueceram. O advérbio de intensidade “mais” que indica soma, nesse enunciado remete ao sentido de que são necessárias outras flores, mais flores, como uma corrente, uma união que representará a força, o poder que outrora somente uma era capaz de estabelecer. É “o que está presente pela sua ausência necessária” (ORLANDI, 2008, p.25)

Figura 1: O poder das flores



<http://imagesvisions.blogspot.com>

Figura 2: Mais flores no fuzil



30-08-2015

O muro na relação com a fotografia aponta para diferentes sentidos, principalmente no modo de circular. A Figura 1 é uma fotografia, resultado de um trabalho feito em meio a um protesto. Colocar as flores nas armas apontadas para outras pessoas remete o sentido de evocação da paz, de demonstração da

passividade. Não há texto verbal, palavras não são ditas pela escrita, o sentido é posto pelo gesto. A fotografia circula em jornais, para públicos diferentes, em diferentes lugares, a imagem anda. A Figura 2, por sua vez, não circula, as pessoas que circulam é que se deparam com ela. Está impressa em um muro, passiva de ser apagada a qualquer momento, posta para um público restrito, não tem imagem, mas um texto verbal, sem aspas

Um dos caminhos que leva ao Bairro de Fátima (citado na análise anterior) é passando pela avenida Benjamin Constant, nela está situado um dos colégios mais tradicionais e caros de Varginha: o Colégio Marista.

Os Maristas vieram para Varginha e assumiram a antiga Sociedade Culto à Ciência, fundada em 1913, com a finalidade de angariar fundos para se construir um prédio destinado à escola para rapazes. Após algumas idas e vindas, em 1999 o Colégio Marista de Varginha reintegrou-se a cidade onde permanece sólido até hoje. É um colégio que prega ter como proposta pedagógica o ensino e a prática de valores cristãos, seriedade nos estudos, disciplina e ambiente de família. Tal fato recebe grande apoio da comunidade, no entanto, mais relevante para nossa análise é ressaltar que os estudantes do colégio pertencem às classes média e alta da cidade. A elite da cidade de Varginha e adjacentes está concentrada nesta escola que possui uma das mensalidades mais caras da cidade. E foi justamente no muro que cerca o Colégio Marista que nos deparamos com dois enunciados que recortamos como *corpus* desta análise.

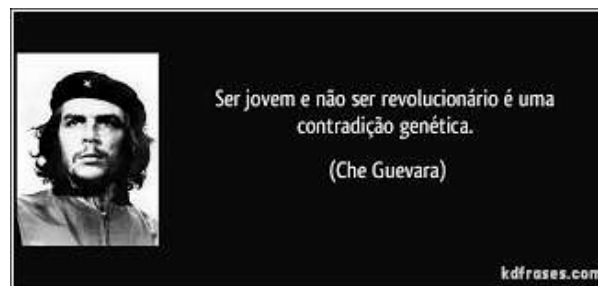
O primeiro é “Ser jovem é ser revolucionário”. Retomemos que o jovem foi aquele que colocou as flores nas armas dos soldados na imagem da análise anterior. E o termo revolução é um recurso mnêmico que nos remete às lutas de classes sociais por melhores condições de vida, de trabalho, por reivindicação de mudanças, como ocorreu na Revolução Francesa, por exemplo. Sendo o jovem

protagonista de sua história e capaz de modificar seu entorno, ele é, verbo que incorpora uma característica ao sujeito, pela sua própria condição de juventude, revolucionário. Esta proposição, obviamente está suscetível de ser verdadeira ou falsa, no entanto, é incabível não a perceber atravessada por uma série de equívocos. Um deles está, por exemplo, no enunciado de Che Guevara, um revolucionário cujas ações alimentaram as lutas de países subdesenvolvidos pela liberdade imperialista e por melhores condições socioeconômicas: “Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição genética” (Che Guevara). Nesta conjuntura, novamente aparece o verbo ser como impositor de uma característica, no entanto, de forma mais explícita e categórica: ser revolucionário ao jovem é essencialmente uma questão biológica, física, hereditária, inegável e entranhada ao sujeito. Outro deslizamento a se observar é quanto a assinatura de que escreve o enunciado no muro do Colégio Marista. Da mesma forma que o sujeito propõe o jovem como ser revolucionário, a assinatura (Rebelião.org) detém-se a uma situação mais restrita. Dessa forma, tomamos que revolucionário delega uma responsabilidade do sujeito cidadão, parte de uma sociedade que aspira aos mesmos ideais. A revolução requer um reconhecimento político, enquanto a rebelião volta-se a camadas sociais específicas que nem sempre reivindicam aquilo que todos almejam. Temos, portanto, as mesmas palavras, no entanto, postas em situações diferentes e lugares diferentes.

Em termos discursivos, é preciso levar em consideração nesta análise quem diz, o que diz, de que modo diz e em que condições diz. Apesar de as palavras serem as mesmas, há uma grande diferença entre um dizer e outro que se explicita pelo modo como é formulado o dizer, no modo como este é constituído e circula.

Vejamos as imagens.

Figura 3: Dizeres de Che Guevara



Kdfrases.com

Figura 4: Ser jovem é ser revolucionário



09-12-2015

O segundo enunciado, em espanhol, também inscrito no muro do Colégio Marista, é “En la lucha declases todas las armas son buenas piedras, noches, poemas Leminski. (“Na luta de classes todas as armas são boas pedras, noites, poemas...” Paulo Leminski).

O sujeito aqui dá créditos ao poeta Paulo Leminski quando, ao terminar o enunciado, coloca o nome Leminski. Como o próprio poeta sugere quando diz que é “um anarqueto de desengenharias”, sua poesia é concisa e subjetiva. Para ele, poesia é um antidiscurso, um modo de dizer como se diz. Em vários de seus poemas ilustrados, as imagens referem-se a pessoas de classes baixas, tentando uma vida melhor. Sob um olhar somente conteudista, podemos ver muito em seus poemas a relação com a classe

baixa, além da mesmice em que consiste a finitude humana:

O barro
toma a forma
que você quiser,

você nem sabe
estar fazendo apenas
o que o barro quer.(LEMINSKI, 2013,
p. 59)

bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo, a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto [...] mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas.
(LEMINSKI, 2013, p. 125)

O sujeito que “picha” Leminski e o faz em espanhol em um muro que cerca a elite e está em um lugar que é passagem também para a periferia, elitiza seus dizeres. Por que não escrever em português? Essa é a grande questão. Escrever em espanhol permite que alguns (aqueles que possuem mais conhecimento, mais acesso à academia) entendem, outros não. Há uma luta de classes e ela não ocorre somente a partir das armas ou do que é visível, esta luta também é velada pela ignorância de um lado e por outro lado que alimenta essa ignorância. A educação permitida a uns e negada a outros diferencia os sujeitos socialmente, faz com que alguns estejam no centro, nas escolas particulares, enquanto outros estejam em bairros periféricos, em escolas de baixa qualidade, mais passivos a possível violência. Todas as armas são boas é uma metáfora de todas as armas são válidas. No enunciado do muro, a educação é uma arma. O sujeito direciona seus dizeres para a classe abastada e em seguida, quando o eu enunciado é apagado (em determinado momento o colégio pinta todo o muro novamente), o sujeito retorna com sua “pichação” para dizer a todos que sejam capazes de ler sua própria língua: “Ser jovem é ser revolucionário”, há outro efeito metafórico além

do que foi analisado anteriormente: o sujeito produz o efeito de sentido não só quanto aos dizeres, mas quanto ao ato cometido contra ele, dessa forma temos o seguinte deslizamento: não adianta passar tinta e apagar o que foi escrito, nós voltaremos e reescreveremos, pois ser jovem é ser revolucionário.

Figura 5: Enunciado em espanhol



25-07-2013

Figura 6: Imagem - Leminski



134 POEMA-FOTO 6 Lâmina 6: Reprodução de uma das lâminas

https://www.google.com/search?q=leminski+jack+pires&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjo9b7j-ubhAhXEH7kGHexoB2IQ_AUIDigB&biw=1366&bih=625#imgsrc=e034IYNT5Unkdm:

Nas imagens analisadas percebemos que houve deslizamentos metafóricos que nos permitiram observar que o dizer das imagens pichadas se inscreve em determinada formação discursiva. Assim, retomamos nossa pergunta inicial: como os sujeitos significam a partir da leitura e da escrita para responder às demandas sociais? No caso específico

deste trabalho, percebemos que o sujeito significa a linguagem como uma forma de expressão, e por ser individuado é que ele se identifica. A escrita nos permite também entender a questão ideológica, pois esta está justamente relacionada à evidência, que ocorre aqui, justamente pela escrita, afinal, as condições de produção estão relacionadas com o imaginário. Quando nos propusemos a analisar os enunciados aqui presentes, tínhamos o objetivo de compreendê-los, e ousamos dizer que o fizemos, pois sob o olhar da AD, isso quer dizer que compreender é entender que o sentido pode ser outro.

REFERÊNCIAS

BARCHI, Rodrigo. *Pichar, pixar, grafitar, colar: os discursos e representações sobre as pichações nas escolas analisados na perspectiva ambiental e libertária*. Revista Teias: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24016>. Acesso: 30 mar. 2019.

FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Pichações: discursos de resistência conforme Foucault*. Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 241-249. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. Companhia das Letras, 2013.

NASSIF, Luis. *A flor e o fuzil*. Publicado em: 18 nov. 2011. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-flor-e-o-fuzil>. Acesso: 28 mar. 2016.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP, 3ª Edição. Pontes Editores, 2008.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação; autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP, 3ª Edição. Pontes, 2004a.

ORLANDI, Eni P. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes. 2004b.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed da Unicamp, 1988a.

ORLANDI, Eni P. *Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. In: Revista Rua, UNICAMP, Campinas, nº 4, 1988b.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Pontes, 1988.

Magna Leite Carvalho Lima

Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS); faz estágio pós-doutoral na Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: magnaleite30@gmail.com
